

CAPÍTULO UM

Ela acordou-o antes de o mundo desabar.

Ei, ainda estás a dormir?

Thomas mexeu-se na cama, sentindo a escuridão à sua volta como se o ar se tivesse tornado sólido e pesado. A princípio entrou em pânico; abriu rapidamente os olhos ao imaginar que estava de volta à Caixa — o cubo terrível feito de metal frio que o tinha levado para a Clareira e o Labirinto. Mas havia uma luz ténue e massas indistintas de sombra emergiram aos poucos no quarto imenso. Beliches. Cómodas. A respiração calma e o ressonar gargarejado de rapazes num sono profundo.

Ele foi invadido por uma sensação de alívio. Estava a salvo, a descansar no dormitório. Sem preocupações. Sem Magoadores. Sem morte.

Tom?

Uma voz na sua mente. De uma rapariga. Não era audível ou visível. No entanto, ele ouvia-a, embora jamais pudesse explicar a alguém como é que acontecia.

Expirou profundamente e descontraiu a cabeça na almofada, os seus nervos em franja a acalmarem-se após o breve instante de medo. Respondeu-lhe, formando as palavras com o pensamento:

Teresa? Que horas são?

Não faço ideia, replicou ela. Mas não consigo dormir. Devo ter adormecido durante uma hora. Ou mais. Tinha esperança de que estivesse acordado para me fazeres companhia.

Thomas tentou não sorrir. Embora ela não fosse capaz de o ver, ainda assim seria embaraçoso.

Não me deste grande hipótese, pois não? Não é fácil dormir quando se tem alguém a falar-lhe diretamente no crânio.

Pronto, dorme lá então.

Não, tudo bem. Thomas fitou o fundo do beliche por cima dele (sem forma e indistinto na escuridão), onde Minho respirava como se tivesse a garganta cheia de expetoração. *No que é que tens estado a pensar?*

O que é que te parece? De algum modo, ela conferira um certo cinismo às suas palavras. *Estou sempre a ver os Magoadores. A pele nojenta, os corpos inchados e aqueles braços e espigões de metal. Foi por pouco, Tom. Como é que vamos conseguir tirar essa imagem da cabeça?*

Thomas sabia bem o que pensava sobre esse assunto. Essas imagens jamais seriam apagadas; os Clareirenses guardariam para sempre a imagem do que lhes havia acontecido no Labirinto. Ele calculava que a maioria, senão todos, teria grandes problemas do foro psicológico. Poderia inclusivamente enlouquecer.

E, como se isso não bastasse, ele tinha uma imagem embutida na sua memória que mais parecia ter sido gravada a ferro quente. O seu amigo Chuck, esfaqueado no peito e a sangrar, a morrer-lhe nos braços.

Thomas sabia que *jamais* esqueceria isso. Contudo, respondeu a Teresa:

Há de passar. Vai demorar um pouco, mas depois passa.

És mesmo aldrabão, respondeu-lhe ela.

Eu sei. Era ridículo ele adorar ouvi-la dizer-lhe coisas daquelas. E o sarcasmo dela ser sinónimo de que as coisas iriam melhorar. «És mesmo parvo», pensou ele, e depois esperou que ela não tivesse escutado o seu pensamento.

Detesto que me tenham separado de vocês, disse-lhe ela.

Mas Thomas compreendia por que motivo o haviam feito. Ela era a única rapariga e os Clareirenses eram todos rapazes adolescentes; um bando de chancos em quem eles ainda não confiavam.

Foi para te proteger.

Sim, talvez. A melancolia invadiu-lhe o cérebro, colada às palavras dela como se fosse mel. Mas é uma treta estar sozinha depois de tudo por que passámos.

Mas, afinal de contas, para onde é que te levaram? Ela parecia tão triste que ele quase se levantou para a ir procurar, mas sabia que não o devia fazer.

Para a outra ponta daquela sala comum enorme onde comemos ontem à noite. É um quarto pequeno com meia dúzia de beliches. Tenho quase a certeza de que trancaram a porta quando saíram.

Estás a ver, eu não disse que tinha sido para tua proteção? Em seguida, apressou-se a acrescentar: *Não que tu precisas de ser protegida. Aposto que davas conta de pelo menos metade destes chancos.*

Só metade?

Pronto, está bem: três quartos, incluindo eu.

Seguiu-se um longo silêncio, embora Thomas continuasse a sentir a presença dela. Ele *sentia-a*. Quase da mesma maneira que sabia, embora não conseguisse ver Minho, que o amigo estava deitado no beliche por cima dele. E não era só por causa do ressonar. Quando alguém está por perto, sabemos-lo.

Não obstante as recordações das últimas semanas, Thomas sentia-se surpreendentemente tranquilo e, pouco depois, o sono tomou conta dele mais uma vez. A escuridão instalou-se no seu mundo, mas ela estava lá, ao lado dele, em vários sentidos. Quase... a tocar-lhe.

Ele não se apercebeu da passagem do tempo enquanto estava nesse estado. Meio adormecido, meio a desfrutar da presença dela e da ideia de que haviam sido salvos daquele lugar terrível. De estarem em segurança e ele e Teresa poderem recomeçar a conhecer-se melhor. De a vida poder ser boa.

Sono feliz. Escuridão indistinta. Um brilho físico. Quase a flutuar.

O mundo pareceu dissipar-se. Tudo ficou dormente e doce. E a escuridão, algo reconfortante. Ele deixou-se levar pelo sonho.

Ele é muito novo. Quatro anos, talvez? Cinco? Deitado em cima de uma cama com os cobertores puxados até ao queixo.

Uma mulher encontra-se sentada ao lado dele, com as mãos pousadas no colo. Tem o cabelo castanho e o seu rosto revela alguns sinais do tempo. Os olhos são tristes. Ele sabe isso apesar de ela estar a esforçar-se imenso para o esconder com um sorriso.

Ele quer dizer qualquer coisa, fazer-lhe uma pergunta. Mas não pode. Não está realmente lá, apenas assiste à cena de um lugar que nem sequer sabe onde fica. Ela começa a falar, um som simultaneamente carinhoso e zangado que o deixa perturbado:

«Não sei porque é que te escolheram, mas uma coisa sei: por algum motivo, és especial. Nunca te esqueças disso. E nunca te esqueças do quanto...» A voz falha-lhe e as lágrimas correm-lhe pelas faces. «Nunca te esqueças do quanto eu te amo.»

O rapaz responde, mas não é realmente Thomas que fala. Embora *seja* ele. Nada daquilo faz sentido.

«Vais enlouquecer como todas aquelas pessoas na televisão, mamã? Como... o papá?»

A mulher passa os dedos pelo cabelo dele. Mulher? Não, ele não lhe pode chamar isso. Trata-se da mãe dele. A sua... mamã.

«Não te preocupes com isso, meu amor», responde-lhe ela. «Não estarás cá para o ver.»

O sorriso dela desapareceu.

O sonho deu rapidamente lugar à escuridão, deixando Thomas num vazio sozinho com os seus pensamentos. Teria sido mais uma recordação a emergir das profundezas da sua amnésia? Teria visto realmente a mãe? Havia qualquer coisa em relação ao pai dele estar louco. A dor que Thomas sentia era profunda e torturante, e ele tentou mergulhar ainda mais no vazio.

Mais tarde — quanto mais tarde ele não sabia precisar —, Teresa tornou a falar com ele.

Passa-se alguma coisa, Tom.

CAPÍTULO DOIS

Foi assim que começou. Ele ouviu Teresa proferir essas quatro palavras, mas pareceram-lhe muito distantes, como se ela estivesse a falar do interior de um túnel comprido e cheio de eco. O repouso dele transformara-se num líquido viscoso, espesso e pegajoso, que o prendia. Ganhou consciência, mas apercebeu-se de que estava afastado do mundo, prisioneiro do cansaço. Não conseguia acordar.

Thomas!

Ela gritou o nome. Uma algazarra estridente dentro da cabeça dele. Sentiu o primeiro arrepio de medo, mas assemelhava-se a um sonho. Apenas conseguia dormir. Eles agora estavam a salvo, não tinham de se preocupar com nada. Sim, só podia ser um sonho. Teresa estava bem, todos estavam bem. Ele descontraíu-se de novo, entregando-se ao descanso.

Outros sons invadiram-lhe a consciência. Baques. O som de metal a bater em metal. Algo a partir-se. Rapazes a gritar. Ou melhor, o eco de gritos, muito distantes e abafados. De repente, tornaram-se berros. Berros medonhos de dor. Mas ainda assim distantes. Como se ele estivesse preso num casulo espesso feito de veludo escuro.

Por fim, algo perfurou o conforto do sono. Algo estava errado. Teresa chamara por ele, dissera-lhe que algo se passava! Ele combateu o sono profundo que o havia consumido, arrancou o peso imenso que o impedia de se levantar.

Acorda!., gritou para si mesmo. Acorda!

Foi então que algo desapareceu de dentro dele. Num minuto estava lá e no minuto seguinte tinha desaparecido. Parecia que lhe tinham arrancado um órgão interno.

Fora ela. Ela tinha desaparecido.

Teresa!, gritou ele, desvairado. *Teresa! Estás aí?!*

Porém, não havia nada e ele deixou de sentir o conforto da proximidade dela. Chamou-a de novo, e outra vez, ao mesmo tempo que continuava a debater-se com a pressão obscura do sono.

Por fim, a realidade despontou, afastando de vez a escuridão. Envolto em medo, Thomas abriu os olhos e sentou-se repentinamente na cama, depois pôs-se em pé com um salto. Olhou à sua volta

Estava tudo às avessas.

Os outros Clareirenses corriam de um lado para o outro, aos gritos. Um som terrível, pavoroso, enchia o ar, semelhante aos guinchos miseráveis de animais a serem torturados. Lá estava Frypan, a apontar para a janela, com o rosto muito pálido. Newt e Minho corriam para a porta. Winston tinha as mãos no rosto assustado e cheio de acne, como se tivesse acabado de ver um *zombie* carnívoro. Os outros atropelavam-se entre eles para ir espreitar às várias janelas, mas sempre afastados do vidro. Incomodado, Thomas apercebeu-se de que nem sequer sabia o nome da maioria dos vinte rapazes que haviam sobrevivido ao Labirinto, um pensamento estranho para se ter no meio daquele caos.

Avistou algo pelo canto do olho e virou-se para olhar na direção da parede. O que viu apagou de imediato toda a paz e segurança que ele tinha sentido quando falara com Teresa a meio da noite. Fê-lo inclusivamente duvidar que fosse possível existir tais emoções no mundo em que ele agora se encontrava.

A um metro de distância da sua cama, uma janela adornada com cortinas coloridas deixava entrar uma luz forte e ofuscante. O vidro estava partido, os estilhaços apoiados nas grades de ferro em forma de cruz. Um homem estava parado do outro lado, agarrado às grades com as mãos ensanguentadas. Tinha os olhos arregalados e raiados de sangue, carregados de loucura.

Chagas e cicatrizes cobriam o seu rosto queimado do sol. Não tinha cabelo, apenas equimoses infetadas que se assemelhavam a musgo verde. Na face direita tinha um golpe enorme; Thomas via-lhe os dentes através da ferida aberta e ulcerosa. Saliva rosada escorria pelo queixo do homem.

— Sou um Cranko! — gritou o pavor de homem. — Sou um Cranko do raio!

Então, começou a gritar uma única palavra, repetidamente, projetando cuspo a cada grito:

— Matem-me! Matem-me! Matem-me!...